

DIÁLOGO GLOBAL

2.1

O Retorno da Classe

Göran Therborn

Os (Não) Cidadãos de Komtar

Aya Fabros

O Caos da Ordem

Boaventura de Sousa Santos

- > A Hegemonia da língua inglesa
- > Sociologias nacionais: Peru e Romênia
- > Ulf Himmelstrand, 1924-2011
- > Esquina da história: a inclusão das mulheres
- > Direitos humanos: patriarcado na Armênia
- > Sociologia pública: visões sul-africanas
- > ISA: abraçando jovens sociólogos
- > Mundos das Mulheres
- > A Sociedade Brasileira de Sociologia

NEWSLETTER



VOLUME 2 / EDIÇÃO 1 / SETEMBRO 2011

DGN

International
Sociological
Association



> Editorial

Enquanto escrevo, a ordem Líbia entrou em colapso e todos os pensamentos se voltam para o que virá em seguida, não apenas na Líbia, mas no Mundo Árabe. A turbulência assumiu dimensões globais e, neste número, Göran Therborn diagnostica a desigualdade em uma escala global e postula o retorno da política de classe; Boaventura de Sousa Santos analisa as insurreições na Europa, especialmente na Inglaterra, enquanto Aya Fabros retrata os imigrantes asiáticos forjando suas próprias comunidades na Malásia. Gohar Shahnazaryan destila os desafios da reconstrução pós-soviética através das lutas das mulheres na região devastada pela guerra do Sul do Cáucaso. Se há um traço comum ela é a expropriação, a convocação do “indignados”.

A Diálogo global continua o debate sobre a sociologia global com Renato Ortiz, examinando os efeitos da hegemonia do Inglês, enquanto Ari Sitas e Sarah Mosoetsa apresentam seus estatutos para as ciências sociais e humanas da África do Sul. Nicolás Lynch do Peru e Marian Preda e Chelcea Liviu da Romênia descrevem sociologias enquanto batalhas contra os legados de regimes opressivos.

Na frente organizacional, Jennifer Platt narra a história da inclusão progressiva das mulheres na ISA. Elisa Reis e Ann Denis relatam duas conferências vibrantes: a *Sociedade Brasileira de Sociologia* e *Mundos da Mulher*, enquanto Emma Porio relata os sociólogos no início de carreira. Nós também prestamos homenagem a um dos grandes líderes da, ISA Ulf Himmelstrand.

No início, imaginávamos a Diálogo Global como um boletim modesto, mas ela se tornou um olhar sociológico sobre questões prementes em nossa disciplina e além dela. Ela aparece em 11 línguas, é a extraordinária façanha de nossos editores e das equipes de tradutores interligados por todo o planeta. A tecnologia digital possibilita hoje o que ontem era inimaginável, como as entrevistas transcontinentais com o Comitê Executivo da ISA. Confira em: <http://www.isa-sociology.org/journeys-through-sociology/>

A Diálogo Global por ser acessada pelo [Facebook](#), e pelo [website da ISA](#).



> Nesta Edição

Editorial	2
-----------	---

> DESIGUALDADE E PROTESTO

O retorno da classe	3
Os (Não) Cidadãos de Komtar	6
O caos da ordem	9

> DEBATE SOBRE SOCIOLOGIA INTERNACIONAL

A hegemonia da língua inglesa e as ciências sociais	11
---	----

> SOCIOLOGIAS NACIONAIS

Sociologia romena: rapidamente compensando um passado difícil	12
As reviravoltas da sociologia peruana	13

> ULF HIMMELSTRAND, 1924-2011

Pai da sociologia na Nigéria	16
Um tributo pessoal de uma anterior presidente da ISA	17

> COLUNAS ESPECIAIS

Esquina da História: a inclusão desigual das mulheres	8
Direitos Humanos: Desafiando o patriarcado do sul do Cáucaso	19
Sociologia pública: tabulando as ciências humanas e sociais	21

> RELATOS E CONFERÊNCIAS

Sociólogos em início de carreira na ISA	22
Mundos das mulheres	23
Sociedade Brasileira de Sociologia	24

> Corpo Editorial

Editor: Michael Burawoy.

Editores Executivos: Lola Busuttil, August Bagà.

Editores Associados: Margaret Abraham, Tina Uys, Raquel Sosa, Jennifer Platt, Robert Van Krieken.

Conselho Editorial: Izabela Barlinska, Louis Chauvel, Dilek Cindoglu, Tom Dwyer, Jan Fritz, Sari Hanafi, Jaime Jiménez, Habibul Khondker, Simon Mapadimeng, Ishwar Modi, Nikita Pokrovsky, Emma Porio, Yoshimichi Sato, Vineeta Sinha, Benjamin Tejerina, Chin-Chun Yi, Elena Zdravomyslova.

Editores Regionais

Mundo Árabe: Sari Hanafi and Mounir Saidani.

Brasil: Gustavo Taniguti, Juliana Tonche, Pedro Mancini, Fabio Silva Tsunoda, Dmitri Cerboncini Fernandes, Andreza Galli, Renata Barreto Pretulan.

Índia: Ishwar Modi, Rajiv Gupta, Rashmi Jain, Uday Singh.

Japão: Kazuhisa Nishihara, Mari Shiba, Yoshiya Shiotani, Kousuke Himeno, Tomohiro Takami, Nanako Hayami, Yutaka Iwadata, Kazuhiro Ikeda, Yu Fukuda.

Espanha: Gisela Redondo.

Taiwan: Jing-Mao Ho.

Irã: Reyhaneh Javadi, Saghar Bozorgi, Shahrard Shahvand, Faezeh Esmaeili, Jalal Karimian, Najmeh Taheri.

Rússia: Elena Zdravomyslova, Elena Nikofova, Asja Voronkova.

Consultores de mídia: Annie Lin, José Reguera.

> Desigualdade global: O retorno da classe

Por Göran Therborn, Universidade de Cambridge, Reino Unido, Linnaeus University, Suécia, e Membro do Comitê de Programa para o Congresso Mundial de Sociologia da ISA em Yokohama.



O ex-presidente Mbeki olha para a
alastante pobreza em Johannesburg.

As duas últimas décadas foram boas para as nações pobres do mundo. Desde o final da década de 1980, aquilo que organizações econômicas internacionais chamam de “Ásia em desenvolvimento”, principalmente a China, a Índia e os países da ANSA cresceram em um passo quase duas vezes maior do que o mundo em sua totalidade. Desde 2001 a África Subsaariana, trágica retardatária do desenvolvimento no último terço do século passado, supera o globo em matéria de crescimento, incluindo as ditas “economias avançadas”. A América Latina cresce mais rápido do que o mundo rico desde 2003, e o Oriente Médio, desde 2000. Excetuando-se a Europa pós-comunista, “economias emergentes e em desenvolvimento” também enfrentaram a crise bancária anglo-saxã de modo muito melhor do que o mundo rico.

> Nações e Classes

Estamos experimentando uma guinada histórica, não apenas na geopolítica, como também em termos de

desigualdade. O desenvolvimento internacional do subdesenvolvimento nos séculos XIX e XX significou, entre outras coisas, que a desigualdade entre seres humanos torna-se cada vez mais condicionada pelo local onde viveram, se em áreas, territórios e nações desenvolvidas ou subdesenvolvidas. Em 2000, estimou-se que 80% das desigualdade de renda familiar dependiam do país onde se vive (Milanovic 2011: 112). Atualmente, isto está mudando. A desigualdade internacional está declinando globalmente, embora o abismo entre os ricos e os mais pobres não tenha parado de crescer. Mas a desigualdade interna das nações está, como um todo, aumentando, ainda que de modo desproporcional, negando qualquer determinismo pseudo-universal da “globalização” ou do desenvolvimento tecnológico.

Isto remete a um retorno da classe como um determinante da desigualdade cada vez mais poderoso. A classe sempre foi importante, mas, no contexto de organizações e lutas classistas predominantemente nacionais do século XX – apesar de incluir algumas redes de “internacionalismo proletário” –, a desigualdade de classes nacional foi ofuscada por abismos internacionais globais. Agora, as nações estão crescendo de forma aproximada, e as classes estão se afastando entre si.

O lado classista do novo padrão de distribuição global atingiu seu ápice nos anos 1990. Esse foi o período em que a desigualdade chinesa se elevou, ainda mais do que durante o processo de travessia capitalista da antiga União Soviética, e quando a tendência modesta pela igualdade (rural) na Índia foi revertida pelo aumento da desigualdade rural e urbana. Na América Latina, o México e a Argentina tiveram o seu choque de desigualdade neoliberal. Um estudo do FMI (2007:37) mostrou, mesmo sem maiores reflexões a respeito, que o único grupo que aumentou sua proporção de renda na década de 90, em escala global, foi o quintil dos mais ricos, em países de alta como nos de baixa renda. Todos os outros perderam, ainda que de forma não muito dramática.

As mudanças mais relevantes ocorreram no topo da distribuição da renda, entre os 1% mais ricos e o restante da população – e entre os 0,1% ou 0,01% e todos os outros. O economista americano Joseph Stiglitz, vencedor do Prêmio Nobel, denunciou recentemente (Vanity Fair, maio de 2011) o aprisionamento de seu país pelos um por cento mais ricos, que detêm 40% da riqueza nacional, que se apropriam de cerca de um quarto da renda nacional anual, e que virtualmente dominam todo o congresso americano. Durante a virada do último século, os 1% mais ricos contabilizavam 15% da renda dos EUA, contra de 9 a 11% na Índia (Banerjee e Piketty 2003).

“...as nações estão crescendo de forma aproximada, e as classes estão se afastando entre si..”

As tendências pela desigualdade na China e na Índia, e na Ásia em desenvolvimento em geral, mantiveram-se no novo milênio, tal como nos Estados Unidos (Luo e Zhu 2008; Kochanowicz et al. 2008; Datt e Ravallion 2009). O crescimento econômico acelerado na Índia, por exemplo, dificilmente causou qualquer efeito positivo para a quinta parcela das crianças indianas mais pobres, dois terços das quais são subnutridas – uma condição de enfraquecimento que dura a vida toda – em 2009, como em 1995. O crescimento econômico vigoroso, nos anos 2000, daquilo que costumava ser o Terceiro Mundo não teve efeitos sobre a fome mundial. O número de subnutridos cresceu de 618 para 637 milhões de pessoas, o que correspondia a 16% da espécie humana entre 2000 e 2007 (ONU 2011: 11). Os preços dos alimentos continuam a aumentar. Na outra ponta, em março de 2011 a revista Forbes anunciou alegremente dois recordes em sua lista de bilionários de 2010, a saber: seu recorde numérico, 1.210, e sua riqueza total, 4,5 trilhão de dólares, mais representativa do que o PIB da terceira maior economia nacional, a Alemanha. 413 deles são americanos, 115 são chineses (continentais) e 101 são russos.

Contudo, não existe qualquer caráter de inevitabilidade, técnica ou econômica, no crescimento da desigualdade. De sua posição, admitidamente vulnerável, de região economicamente mais desigual do mundo, a América Latina é a única do planeta aonde a desigualdade está diminuindo (CEPAL 2010; PNUD 2010). Como esse é um efeito amplamente político (Cornia e Marorano 2010) de reação contra o neoliberalismo dos ditadores militares das décadas de 1970 e 1980 e de seus sucessores civis, eleitos de forma mais ou menos democrática, as políticas de redistribuição em andamento na Argentina, Brasil, Venezuela e outros países também refletem a importância das classes, nesse caso da ganância dos ricos oligarcas.

Outra forma de comparar as classes (de renda) das nações é calcular seu Índice de Desenvolvimento Humano, que inclui rendimentos, expectativa de vida e educação, uma operação heróica e muito complicada, com uma considerável margem de erro. Ainda assim, expressa um quadro notável da desigualdade mundial. A

quinta parte mais pobre dos americanos detém um nível de desenvolvimento humano menor que, por exemplo, a quinta parte dos mais ricos da Bolívia, Indonésia e Nicarágua, menor do que 40% dos mais sortudos do Brasil e do Peru, e possuem um nível aproximado do quarto quintil da Colômbia, Guatemala e Paraguai. (Grimm et al. 2009, Tabela 1.)

A classe, ao menos enquanto referência da justiça distributiva, tende igualmente a crescer por outras razões que não a convergência econômica das nações. Desigualdades existenciais do racismo e do sexismo, mesmo que ainda poderosas aqui e ali, estão sendo claramente erodidas. Um exemplo recente importante é a queda do apartheid na África do Sul. A África do Sul democrática também nos fornece um dos mais dramáticos exemplos da desigualdade de classes após o racismo institucionalizado. Desafiando economistas do Banco Mundial, Branko Milanovic (2008: Tabela 3) e outros estimaram o Coeficiente Gini de desigualdade de renda entre famílias do globo em aproximadamente 65-70 entre os anos de 1990 e 2000. Mas em 2005 a cidade de Johannesburgo revelava o valor de 75! E isso foi medido nos termos das despesas do consumidor, que sempre fornece um retrato de desigualdade menor do que medidas de renda (ONU-Habitat 2008: 72). Mesmo considerando as margens de erro, não parece presunçoso afirmar que a cidade pós-apartheid de Johannesburgo abriga no mínimo tanta desigualdade econômica entre seus habitantes (em sua maioria nascidos na cidade) como todos os humanos do planeta.

O provável ressurgimento das classes pode tomar ao menos dois rumos muito distintos: o caminho das classes médias e o das classes operárias, cada qual com duas variantes principais. O rumo ideologicamente dominante da variante das classes médias aguarda com expectativa pela emergência de uma classe média global dominando a terra, comprando carros, casas próprias, um número infinito de aparelhos eletrônicos e bens de consumo duráveis, e gastando com o turismo internacional. Enquanto esse consumismo globalizado e atualizado pode causar pesadelos nas pessoas ecologicamente conscientes, ele faz salivar os empresários, a imprensa corporativa e as instituições de negócios. O consumismo médio-classista possui a grande vantagem, além dos rendimentos empresariais, de tanto acomodar os privilégios dos ricos quanto de garantir um horizonte tranqüilo de aspirações para as classes populares. Esses sonhos empresariais não ultrapassam os limites da viabilidade, mas tendem a subestimar o caráter socialmente explosivo da atual trajetória de distanciamento econômico e exclusão.

Na segunda alternativa, a crescente lacuna entre a classe média e a rica leva a primeira à política, antes de levar ao consumo. Em anos recentes testemunhamos algo que os europeus, pelo menos, não vivenciaram desde 1848 – classes médias se mobilizando nas ruas, e até realizando revoluções médio-classistas. Muitas dessas manifestações da classe média foram social e economicamente reacionárias, como aquelas contra

Allende no Chile e contra Chavez na Venezuela ou, mais recentemente, o Tea Party americano. Contrariamente à mitologia liberal, não há nada de inerentemente democrático nas mobilizações das classes médias, como testemunham os “Camisas Amarelas” tailandeses de 2008 ou os condutores dos golpes no Chile e na Venezuela.

Outros protestos da classe média, contudo, foram hostis tanto ao capitalismo oligárquico “camarada” quanto a políticas oligárquicas. A assim chamada Revolução Laranja na Ucrânia pode ter sido o exemplo mais próximo desse tipo ideal, mas a “Primavera Árabe” de 2011 também incluiu um componente médio-classista significativo, provavelmente crucial. O capitalismo exclusivo das altas finanças ou das altas políticas, a economia política dos, pelos e para os um por cento mais ricos pode trazer ao palco político uma classe média raivosa, acarretando resultados imprevisíveis.

A outra direção classista foca a classe operária. A era de um capitalismo industrial de vanguarda deixou de existir, em conjunto com o oponente que gerou, a saber, o movimento da classe trabalhadora, previsto por Marx em meados do século XIX, e que se materializou na Europa, sobretudo nos países nórdicos. A Europa e a América do Norte estão agora se desindustrializando, o capitalismo financeiro internacional está prevalecendo sobre setores públicos, a classe operária encontra-se dividida, derrotada e desmoralizada. A polarização econômica resultante e a crescente desigualdade interna das nações são a contribuição do Atlântico Norte ao ressurgimento global das classes (como um mecanismo estrutural de distribuição).

A classe trabalhadora industrial deslocou-se agora para a China, o centro emergente da manufatura mundial. Os operários chineses de hoje são em grande medida migrantes em seu próprio país, dado o ainda presente sistema hukou de diferentes direitos por nascimento nos meios urbano e rural. Mas o crescimento do capitalismo industrial chinês está fortalecendo o poder dos trabalhadores, o que se manifesta em protestos localizados e no aumento dos salários (Cf. Pun Ngai in Diálogo Global 1.5). O regime político da China ainda está formalmente comprometido com o socialismo, em certo sentido. Ninguém é capaz de prever o que o futuro reserva. Mas um novo round de conflitos distributivos, tocado pelo trabalho industrial, amplamente deslocado da Europa para o Leste da Ásia, não deve ser desconsiderado.

Um quarto cenário classista derivaria sua dinâmica primária das classes populares heterogêneas da África, Ásia, América Latina e, talvez, de seus correspondentes menos vigorosos do mundo rico. Graças ao aumento da educação formal e aos novos meios de comunicação, movimentos populares de classe enfrentam grandes barreiras divisórias – origem étnica, religião, e particularmente a divisão por atividades, como comércio ambulante e pequenas fábricas com condições de trabalho precárias. Mas os obstáculos à organização, mobilização e reorganização não são intransponíveis. A Índia produziu fortes organizações de empregados

autônomos, o movimento dos Camisas Vermelhas das classes populares tailandesas retomou a posição de principal força política nas eleições de julho de 2011, e coalizões de classe populares geraram governos de centro-esquerda no Brasil e em outros países da América Latina.

Cada uma dessas quatro abordagens sobre a desigualdade mundial possui uma plausibilidade sociológica: o consumismo de uma classe média globalizada, o caráter de rebeldia política da classe média, a luta de classes nas indústrias – incluindo a possibilidade de acordos de classe – se deslocaram da Europa para a China e o leste da Ásia e, em quarto lugar, mobilizações de classes populares heterogêneas são lideradas pela América Latina e por movimentos do sudeste da Ásia, mas possivelmente envolvem países árabes e da África Subsaariana (Cf. Enrique de la Garza and Edward Webster in Global Dialogue 1.5). O cenário mais provável para o futuro é o de avanços em todos os quatro sentidos. Suas importâncias relativas são não somente impossíveis de prever; tende a ser igualmente controverso ponderar suas evidências, assim como avaliar seus significados e valores.

Mais evidente, porém, é que embora Estados-Nação permaneçam como organizações formidáveis, e embora conflitos de classe se manterão, em grande medida, atrelados ao Estado, o novo curso da desigualdade global significa que as classes irão ascender, e as nações decair, na determinação dos cursos humanos de vida. ■

Referências

- Banerjee, A., and Piketty, T. 2003. “Top Indian Incomes, 1956-2000”, B R E A D working paper, <http://ipl.econ.duke.edu/bread/papers.htm>
- CEPAL, 2010. La hora de la igualdad. Santiago de Chile, CEPAL.
- Cornia, G.A., and Martorano, B. 2010. Policies for reducing income inequality: Latin America during the last decade. UNICEF Policy and Practice Working Paper. New York: UNICEF.
- Datt, G., and Ravallion, M. 2009. “Has India’s Economic Growth Become More Pro-Poor in the Wake of Economic Reforms?”, World Bank Policy Research Working Paper 5103, www.worldbank.org/
- Grimm, M. et al. 2009. “Inequality in Human Development. An Empirical Assessment of 32 Countries”, Luxembourg Income Study, Working Paper 519, www.lisproject.org/publications/wpapers
- IMF 2007. World Economic Outlook, October 2007. www.imf.org
- Kochanowicz, J., et al. 2008. “Intra-Provincial Inequalities and Economic Growth in China”, Faculty of Economic Sciences, University of Warsaw, Working Paper no. 10/2008. www.wne.uw.edu.pl
- Luo Xubei and Zhu Nong 2008. “Rising Income Inequality in China: A Race to the Top”, World Bank Policy Research Working Paper 4700. www.worldbank.org/
- Milanovic, B. 2008. “Even Higher Global Inequality Than Previously Thought”, International Journal of Health Services: 48:2.
- Milanovic, B. 2011. The Haves and the Have-Nots. New York, Basic Books.
- UN 2011. The Millennium Development Goals Report 2011. www.un.org/
- UNDP 2010. Regional Human Development Report for Latin America and the Caribbean. www.undp.org
- UN Habitat 2008. The State of the World Cities 2008/9. www.unhabitat.org/

> Os (Não) Cidadãos de Komtar: Migrantes Transnacionais Forjando Suas Próprias Comunidades na Malásia

Por Aya Fabros, pesquisadora associada da *Focus on the Global South*, Filipinas

O Kompleks Tun Abdul Razak (KOMTAR), de Penang, na Malásia, é um centro comercial mal conservado, revivido e apropriado por migrantes. Embora frequentado por estrangeiros, não é um típico lugar turístico; oferece uma visão para um lado mais sujo do global. Acomodando uma tapeçaria ordenadamente compartimentalizada de mundos diferentes, convergindo num espaço compartilhado e emprestado, o

Komtar – assim como Lucky Plaza em Cingapura ou Victoria Park em Hong Kong – reflete as práticas cotidianas negociadas e conduzidas por trabalhadores migrantes à medida que conquistam espaço para si nos seus locais de destino, superam realidades transnacionais e navegam em meio a disparidades globais.

Ao contrário do que sugere sua reputação, internamente, Komtar segue uma ordem implícita – as

políticas de contenção de trabalhadores migrantes ressoam na instalação de várias seções instaladas por diferentes grupos migrantes. Escondida em um canto esquisito no primeiro andar, uma cantina nepalesa oferece aos trabalhadores nepaleses um local para se encontrar, onde comem curry e momos, e bebem ao som de música de Catmandu. No prédio principal, o segundo andar abriga a seção Myanmar, seguido do refúgio indonésio no terceiro andar e a área filipina no seguinte.

Ainda que os grupos evitem contato uns com os outros, eles têm uma noção de onde os demais estão. Há uma ordem tácita reconhecida, uma variedade sistematizada de coisas asiáticas – onde se pode encontrar batik e publicações birmanesas com as últimas notícias sobre Aung San Suu Kyi. Embora não seja ainda um ponto de referência reconhecido, como Chinatown ou Little India, ao passear lá se entra num espaço que não somente é regional, mas também transnacional, onde interações que atravessam fronteiras são realizadas e mantidas; onde os soldados da globalização se refugiam e congregam.

Na Malásia, estima-se que 1 em 4 trabalhadores seja *pekerja asing* (trabalhador estrangeiro), empregados em fábricas, plantações, no setor de serviços ou como

Uma vez visualizada como a zona comercial em Penang, Komtar permanece um marco, mesmo depois de perder o seu brilho como o centro local para lazer, entretenimento e compras. Ainda uma localização central e o edifício mais alto em Penang, Komtar hoje também emerge como uma globalizada e guetizada arena, abrindo espaço para os migrantes transnacionais. Foto por Aya Fabros.



trabalhadores domésticos. Apesar de sua quantidade e da dependência da Malásia com relação a eles, os trabalhadores migrantes continuam desvalorizados, negligenciados e invisíveis. Vistos como meros corpos trabalhadores e de passagem, estão ligados a seus empregadores e vinculados a seus empregos por vistos de trabalho que especificam o nome de seu local de trabalho, indústria e empregador, que tem praticamente arbítrio absoluto para conceder a cancelar esses documentos. Um trabalhador observa: “eles podem impor e mudar os termos do emprego, contratar e demitir trabalhadores quando quiserem, mas nós não podemos escolher empregadores ou simplesmente ir embora quando estamos em clara desvantagem”.

Embora os trabalhadores admitam que vieram à Malásia “para trabalhar”, alguns também afirmam que sua situação é “parang walang laya” (não temos liberdade), trabalhando “como se fôssemos escravos de antigamente”. Viajando longas distâncias em busca de emprego, ao chegar muitos estrangeiros são confrontados com mobilidade restrita e liberdades limitadas. Estão confinados em seus locais de trabalho e espaços de moradia administrados pelos empregadores, praticamente isolados dos outros e altamente dependentes de empregadores ou agentes, muitos dos quais não hesitariam em tirar os passaportes dos trabalhadores, ameaçando-os de deportação para mantê-los passivos e obedientes. Disciplinados a serem dóceis por uma combinação de intimidação, desespero e isolamento, os migrantes consequentemente se encontram em uma situação que também os torna vulneráveis ao abuso e à exploração no local de trabalho e além.

Lidando com restrições no lado de fora, dentro do Komtar os migrantes parecem recuperar um senso de cidadania e agência. Aqui, não são meros trabalhadores despedidos de identidades, conectados como engrenagens em linhas de montagem ou empregados em lojas ou casas. Neste espaço, são filipinos ou birmaneses ou nepaleses, e

não simplesmente vítimas de identidades impostas e alterizantes, segundo as quais filipino significa “empregada doméstica” e birmanês significa “ilegal”. São consumidores consumindo produtos que escolhem ou enviando para casa seu salário ganho a duras penas; compatriotas oferecendo simpatia e apoio, trocando opiniões sobre seus difíceis trabalhos cotidianos ou “questões nacionais” crônicas; membros praticando apresentações para reuniões comunitárias ou de igrejas, planejando atividades ou postando anúncios e novidades, todas com a marca de um senso emergente de comunidade.

Apropriando-se de espaços indesejados e esnobados por serem “perigosos e sujos”, os migrantes ainda assim são constantemente lembrados de seu “lugar”, mesmo nesta área, perturbados por invasões de rotina, operações repressivas, presença policial e supervisão permanente. Entretanto, os donos de loja atribuem valor ao espaço, enfatizando a importância de manter seus negócios, porque de outra forma “aonde eles [trabalhadores migrantes] iriam então?”

Num café no piso inferior, dois jovens comparam cartões recém-emissos pelo ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), enquanto esperam que outro companheiro os levasse ao Alor Star, e na sala ao lado uma ED (Empregada Doméstica) filipina canta entusiasmadamente “Top of the World”, dos Carpenters.

Em Komtar, as pessoas se demoram por horas, e até vêm sem intenção de comprar nada. “Quando você vem para a Malásia, você está sozinho, você não tem ninguém; em Komtar de alguma forma você não se sente assim”, aponta uma “doméstica” filipina.

Neste sentido, Komtar funciona como uma ágora para uma comunidade política na diáspora, na qual trabalhadores individuais dispersos, arrancados de suas casas e comunidades, podem se encontrar e socializar. Não há uma consciência

coletiva migrante abrangente por se, nem uma noção de projetos comuns explicitamente articulada, mas dentro de suas comunidades respectivas um nível de solidariedade parece ser compartilhado, cultivado e exercitado, de modo que ao menos sejam preenchidas as lacunas derivadas de sua condição de não-cidadania. Aqui, migrantes de Myanmar estabeleceram “serviços funerários voluntários” e apoio para hospitalização, formalizando sua organização depois de inúmeros casos em que arrecadaram fundos e prepararam rituais para trabalhadores que não têm acesso a esses serviços básicos. Outros grupos de apoio auto-organizados oferecem apoio e assistência a compatriotas em apuros, ao mesmo tempo em que também mobilizam co-nacionais em torno de eventos socioculturais.

Komtar está constantemente alvoroçado com dinamismo e atividade, fervilhando de possibilidades, ainda que sem ainda representar nenhum desafio direto às injustiças profundamente enraizadas que os trabalhadores migrantes enfrentam. Enquanto aproveitam e constroem seus próprios cantos escondidos, as expressões dos trabalhadores migrantes sublinham que não têm a intenção de ameaçar seu emprego e estadia. Estão recuperando um sentido de agência e afirmando um direito a estar aqui por meio de alguma presença simbólica e marcas locais. Contudo, estas são articulações sutis feitas num terreno desigual no qual os migrantes pisam cuidadosamente. Por enquanto, estes atos cotidianos, aparentemente práticas mundanas, quase coletivizadas pela experiência comum e amplificadas pelo simples número, brilham frente a condições que isolariam ou tornariam os trabalhadores migrantes invisíveis e irrelevantes. À medida que estas comunidades se enraízam, contudo, será interessante observar como os espaços que criam evoluirão e aonde suas solidariedades em aprofundamento poderão levar. ■

> Esquina da História: a inclusão desigual das mulheres

Por Jennifer Platt, Universidade de Sussex, Reino Unido, e Vice-Presidente para Publicações da ISA (2010 – 2014).

Uma olhada sobre a nossa recente publicação de 2010, o Diretório de Membros, mostra que o GT 32, Mulheres em Sociedade, é o maior Comitê de Pesquisas, com 291 membros. Isso certamente reflete a influência do movimento de mulheres em geral, bem como o importante desenvolvimento que vem ocorrendo na sociologia com respeito à compreensão intelectual nos estudos de gênero. Podemos traçar algumas medidas simples envolvendo variações quantitativas que aconteceram na ISA.

Em cargos executivos, a primeira mulher foi eleita apenas em 1974; em 1978 ela tornou-se vice-presidente e foi seguida por mais duas mulheres, sendo que três (de 17 ou 18) compuseram o total delas até 1986, quando vieram a se tornar cinco; uma delas era Margaret Archer, que terminou sendo a primeira (e única, até então) presidente mulher. No fim dos anos 1990 elas eram sete entre 21 membros, sendo uma delas vice-presidente. Em 2000 havia cerca de oito a dez mulheres entre os 22 membros, com duas delas entre os quatro vice-presidentes. Claramente isso mostra uma gradual equalização entre os gêneros, e o provável e subjacente aumento da proporção de mulheres no ensino superior.

Mas os padrões exibidos não podem ser tratados como exclusivos da ISA; eles em grande parte são devidos aos processos sociais transformadores ao redor do mundo, que permitem às mulheres a entrada na sociologia e a se tornarem membros da ISA. A lista de membros de 1976 mostrou que somente 22% dos membros comuns eram mulheres, sendo que, grosso modo, os 18% de membros executivos femininos não as sub-representavam; no entanto, elas eram provenientes de umas poucas nações. Nas presidências dos Comitês de Pesquisas (CP), pode-se notar que as poucas mulheres que se lançavam antes de 1970 eram todas oriundas ou da Inglaterra, ou da Europa Setentrional, o que reflete a diversidade de situações nacionais em um período no qual a sociologia ainda estava se institucionalizando



Margaret Archer, primeira mulher presidente da ISA, 1986-1990.

em vários países.

Entretanto, a distribuição desigual de membros de dada categoria social entre as diferentes estruturas componentes da ISA pode trazer efeitos restritivos. Cada CP tem um representante no Conselho de Pesquisas, o que significa que se mulheres (ou membros de qualquer outro subgrupo) estiverem concentradas em um pequeno número de CPs, elas provavelmente terão menos representantes do que se elas estivessem distribuídas em meio a um número maior de CPs. Similarmente, mulheres provenientes em larga escala de umas poucas nacionalidades serão sub-representadas no instante em que cada nacionalidade possuir a sua representante.

A maioria dos membros do CP 32 era de mulher. Dentre os nomes de 2010 em que pude discernir o gênero, apenas dez eram homens, que estavam altamente sub-representados. O equilíbrio entre os gêneros parece bem diferente em outro grupo bastante grande, o CP 16, de Teoria Sociológica (257 membros). Tais variações envolvendo as características dos sociólogos na escolha dos diferentes campos de pesquisa e suas relações com os objetos merecem uma maior análise histórica sobre suas conseqüências intelectuais do que foi efetuada até agora, especialmente em domínios distintos dos estudos de gênero. ■



Londres em chamas.

> O Caos da Ordem

Por Boaventura de Sousa Santos, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Portugal, Universidade de Wisconsin-Madison Law School, EUA e Membro do Comitê de Programa para o Congresso Mundial de Sociologia da ISA em Yokohama

A pesar de sua especificidade, os protestos violentos em Londres e outras cidades britânicas não devem ser vistos como um fenômeno isolado. Eles são um perturbador sinal dos tempos. Nas sociedades contemporâneas, um combustível altamente inflamável está fluindo nos subterrâneos da vida coletiva sem que famílias, comunidades, organizações e políticos se dêem conta. Quando alcança a superfície,

propulsionado por alguma fagulha, ele pode provocar chamas sociais de proporções inimagináveis. Tal combustível é constituído pela mistura de quatro componentes: a promoção conjunta da desigualdade social e do individualismo; a mercantilização da vida individual e coletiva; a prática do racismo em nome da tolerância; e o seqüestro da democracia pelas elites privilegiadas, com a conseqüente transformação da política em administração do

>>

roubo “legal” dos cidadãos. Cada um desses componentes comporta uma contradição interna.

When they overlap, any incident may bring about an explosion.

> Desigualdade e individualismo

Com o neoliberalismo, o crescimento brutal da desigualdade deixou de ser um problema para se tornar a solução. A ostentação dos super-ricos torna-se prova do sucesso de um modelo social que condena ao pauperismo a ampla maioria das pessoas, alegadamente porque eles não se empenharam suficientemente para prosperar. Isso só se tornou possível porque o individualismo se tornou um valor absoluto que, paradoxalmente, precisa ser vivenciado como uma utopia de igualdade, isto é, da possibilidade de todos dispensarem por igual a solidariedade social, quer como agentes dela, quer como seus beneficiários. Tal indivíduo só considera a desigualdade um problema quando a última é adversa a ele ou ela. Nesse caso, é considerada injusta.

> Mercantilização da vida

A sociedade de consumo implica a troca das relações entre pessoas pelas relações entre pessoas e coisas. Ao invés de suprir necessidades, os objetos de consumo criam-nas incessantemente, e o investimento pessoal neles é tão intenso quando os temos como quando não os temos. *Shoppings Centers* provêm a visão fantasmagórica de uma teia de relações sociais que são iniciadas e finalizadas em objetos. O capital, sempre ansiando por lucratividade, está agora submetendo à lei do mercado produtos que sempre consideramos muito usuais (água, ar) ou muito pessoais (privacidade, convicções políticas) para serem comercializados. Entre acreditar que o dinheiro é o mediador universal e acreditar que tudo pode ser feito para obtê-lo está um passo muito curto. Os poderosos dão esse passo todos os dias sem que nada lhes aconteça. Os despossuídos, que pensam que podem fazer o mesmo, acabam nas prisões.

> O Racismo da Tolerância

Os distúrbios na Inglaterra começaram com uma dimensão racial. O mesmo ocorreu em 1981, assim como quando uma turbulência sacudiu Paris e outras cidades francesas, nos finais de 2005. Isso não é coincidência; são afloramentos da sociabilidade colonial que continuam a prevalecer em nossas sociedades, muito depois do término do colonialismo político. O racismo é apenas um de seus componentes, uma vez que jovens de diferentes etnias se envolveram nos protestos. Mas se trata de um componente importante, porque adiciona a corrosão da auto-estima à exclusão social. Em outras palavras, “ser menos” é piorado por “ter menos”. Uma pessoa jovem e negra experimenta diariamente, em nossas cidades, uma suspeição social que existe independentemente daquilo que ele ou ela faz. Tal suspeição é tanto mais virulenta quando ocorre numa sociedade distraída pelas políticas oficiais da luta contra a discriminação e pela fachada do multiculturalismo e da benevolência da tolerância. Quando todos rejeitam o racismo, suas vítimas são taxadas de racistas por lutarem contra ele.

> O sequestro da democracia

O que há de comum entre os distúrbios na Inglaterra e a destruição do bem-estar dos cidadãos provocada pelas políticas de austeridade comandadas por mercados financeiros e agências de crédito? Ambos submetem a ordem democrática a um teste de estresse de resultados ainda incertos.

Os jovens amotinados são criminosos, mas não estamos diante de uma “criminalidade pura e simples”, como afirmou o primeiro-ministro David Cameron. Estamos diante de uma denúncia política violenta de um modelo social e político que possui recursos para resgatar bancos e não os utiliza para resgatar a juventude de uma vida sem esperança, do pesadelo de uma educação cada vez

mais cara e mais irrelevante, dado o aumento do desemprego. São jovens abandonados em comunidades, em que políticas públicas anti-sociais se transformaram em campos de treino para a raiva, a anomia e a revolta.

“...Os verdadeiros desordeiros estão no poder”...”

Entre o credo neoliberal e os amotinados urbanos há uma simetria assustadora. A indiferença social, a arrogância, a distribuição injusta dos sacrifícios estão semeando o caos, a violência e o medo. Amanhã os semeadores dirão, genuinamente ofendidos, que o que semearam nada tem a ver com o caos, a violência e o medo hoje instalados nas ruas das nossas cidades. Os verdadeiros desordeiros estão no poder; logo eles serão emulados por aqueles que não têm poder, apenas para devolver a ordem ao poder político. ■

> A Hegemonia da língua inglesa e as ciências sociais

Por Renato Ortiz, Universidade de Campinas, Brasil

O inglês é a lingual oficial da globalização. Eu digo 'oficialmente' porque a presença de outras línguas é constitutiva de nossa condição contemporânea, mesmo que uma língua, acima de outras, consiga uma posição privilegiada. No mercado global de bens lingüísticos, o Inglês se torna o idioma da modernidade global. Quais são as implicações para as ciências sociais?

Eu gostaria de evitar duas posições comumente encontradas nos debates intelectuais. De um lado, há a visão de que a predominância do Inglês é um artefato do imperialismo. Eu não acredito que imperialismo seja um conceito útil para a compreensão da globalização contemporânea. De outro, há a visão de que a identidade nacional faz com que apenas a sua própria língua seja autêntica, em oposição às demais que são falsas. Como Saussure nos ensina, a arbitrariedade do signo está ligada ao contexto do território e da história – nenhuma língua é superior às outras, elas apenas captam o real de maneiras distintas.

Uma afirmação banal nos debates contemporâneos é que o Inglês seja uma 'língua franca' na comunidade científica. Mas o que é uma 'língua franca'? Uma língua esvaziada de suas múltiplas conotações com a intenção de maximizar a comunicação entre cientistas. Isto é parcialmente possível nas ciências naturais, mas o Inglês não pode funcionar como uma 'língua franca' nas ciências sociais. Isto não é uma questão de orgulho nacional, mas em virtude

do processo de construção do conhecimento. O objeto sociológico é construído através da linguagem. O uso desta ou daquela língua não é acidental, mas uma decisiva dimensão do resultado final. Assim, há diferenças na prática da ciência natural e ciência social. Deixe-me citar apenas alguns exemplos. O texto de ciência natural possui não apenas uma ordem específica de apresentação, mas também usa uma forma particular de narrativa. Ele é escrito na terceira pessoa e geralmente no tempo presente. Por exemplo, os biólogos escrevem: "as doses de radiação delineiam três faixas..." ou "a mutação apresenta-se distintivamente centrípeta". O tempo verbal é o presente e a utilização da terceira pessoa confere ao discurso uma objetividade baseada na ausência do cientista. Textos nas ciências sociais não podem remover o narrador, e por isso C. Wright Mills definiu as ciências sociais como um ofício intelectual. O narrador pode ser o "Eu" ou o "Nós", mas certamente não está limitado à terceira pessoa. Se usarmos o "Eu" ou "Nós", sempre haverá um mediador no discurso narrativo. Há sempre o problema da tradução, que não é limitado às palavras, ou seja, procurar termos semelhantes em dois idiomas diferentes. No processo de tradução, diferentes tradições intelectuais precisam ser levadas em consideração. O termo 'questão nacional' não pode ser reduzido ao nacionalismo. A 'questão nacional' implica em um contexto político específico em que um debate intelectual na América Latina ganha lugar – um contexto que envolve

a questão da identidade nacional, construção da modernidade, crítica à importação de ideias estrangeiras, complexo de inferioridade dos países colonizados, e os dilemas da modernidade periférica. Isto nos refere a toda uma bibliografia e tradição artística – do Muralismo no México ao Modernismo no Brasil. A 'questão nacional' é uma expressão conectada com a história dos países latino-americanos na busca por suas identidades. Isto não é o mesmo que nacionalismo.

Contudo, apesar desses obstáculos, a dominação do Inglês nas ciências sociais continua. Existe uma consolidação de certos estilos científicos, em escala global, que favorece a língua inglesa. Este é o caso, por exemplo, dos bancos de dados cujas produções são condicionadas por vários fatores, como técnicos, custos e distribuição de mercado. Organizar textos e citações requer um registro lingüístico que é minimizado ou escondido quando toma parte na pretensão de que este banco de dados oferece um perfil confiável do mundo científico. O Institute for Science Informational (ISI) produz quatro diferentes tipos de catálogos, cada um deles marcados por distorção lingüística. Entre 1980 e 1996, as publicações em língua inglesa representam entre 85% e 96% de todos os artigos, conforme o Social Science Citation Index. Se nós aceitarmos a ideia de que a citação seja um requerimento para a autoridade científica, isto significa uma clara hierarquia baseada (sem qualquer fundamento) na exclusão lingüística. A escolha do Inglês na produção de banco de dados, assim como na produção de relatórios científicos e livros, é uma questão de mercado. As grandes corporações (Reed Elsevier, Wolters Kluwer) dominam o mercado mundial em Inglês, devido à facilidade de circulação de textos. Por este caminho arbitrário, o critério lingüístico se torna a base para a legitimidade de 'fazer ciência' (ou do fazer científico). Estas arbitrariedades são reforçadas pelos adventos de tecnologias digitais (textos em PDF, índices bibliográficos) e da distribuição desigual da tradução em escala

>>

internacional. Nos Estados Unidos e Grã-Bretanha, a tradução de textos estrangeiros (incluindo todos os gêneros) não excede 5% do total de textos publicados. Enquanto que em países como Suécia e Holanda, este número chega a 25%, e na Grécia, 40%. Em outras palavras, quanto mais central uma língua, menor o número de textos traduzidos para ela. Afinal, nada de relevante poderia existir fora dela.

Se, nas ciências sociais, o Inglês não pode funcionar como uma 'língua franca', qual é o significado desta predominância? Minha impressão é que o inglês, em virtude da sua ubiquidade, adquire a capacidade

“...o Inglês não pode funcionar como uma ‘língua franca’ ...”

para 'guiar' o debate intelectual em escala global. 'Guiar' significa selecionar aquelas questões que se tornarão relevantes e visíveis de uma gama muito mais ampla de questões possíveis. Dito de outra forma, a língua inglesa possui o poder de dar forma à agenda intelectual. Há ainda outras implicações. Eugene Garfield, fundador do ISI, disse em 1970 que a fraqueza do

Francês se devesse a um fato: eles estavam se tornando provinciais porque escritos em Francês. Esta linha de argumentação considera o universal como um atributo do Inglês, enquanto o provincianismo define todos os outros idiomas. O Inglês global se torna Inglês universal. Esquece-se, contudo, que o cosmopolitismo não é um atributo do processo de globalização, e enquanto o particularismo aparece como dialética no local, ela também aparece como definidora da característica da globalização contemporânea. Dentro da condição de modernidade global, então, é perfeitamente plausível e trivial, ser globalmente provincial. ■

> Sociologia Romena: Rapidamente compensando um passado difícil

Por Marian Preda e Liviu Chelcea, Universidade de Bucareste, Romênia

Se pensarmos na classificação de Michael Burawoy em sociologias profissional, crítica, política e pública, é possível dizer que a Sociologia na Romênia é forte em sociologia política e vem melhorando (leia-se é mais fraca) nos três outros tipos. Sociologia na Romênia foi primeiramente ensinada no final do século XIX. Ela evoluiu no período entre guerras na chamada Escola de Sociologia de Bucareste (interdisciplinar e, principalmente, etnográfica). Um Congresso Mundial de Sociologia, que deveria realizar-se em Bucareste, foi cancelado devido ao início da Segunda Guerra Mundial. Em 1948, a sociologia foi proibida, re-estabelecida em 1966 e re-proibida em 1977. Desde 1989, vários departamentos de sociologia surgiram e milhares de estudantes obtiveram bacharelado, mestrado ou doutorado em sociologia.

Durante as duas últimas décadas, a sociologia romena gerou três ministros do trabalho, um primeiro-ministro, dois oradores da Câmara dos Deputados e muitos deputados e assessores políticos de alto nível. Muitos analistas políticos, jornalistas, empresas de surveys e gestores de nível superior têm contribuído para uma percepção pública positiva acerca da profissão da sociologia na Romênia. Apesar disto, o religamento da sociologia romena com a sociologia internacional não vinha sendo uma prioridade até recentemente. Até o Congresso Mundial da ISA, em 2010, em Gotemburgo (com a participação de mais de trinta sociólogos romenos), a Romênia costumava ser sub-representada nos eventos internacionais. Isto parece ser parte de uma tendência mais ampla –de acordo com os documentos

apresentados por um serviço bibliométrico (SCImago), a contribuição das ciências sociais romenas cresceu de 0.02% da produção mundial em 1996, para 0.15% em 2008 e para 0.44% em 2010 (<http://www.scimagojr.com/countrysearch.php?area=3300&country=RO&w=>).

Além da presença ocasional de sociólogos da Romênia em algumas revistas de sociologia internacionais de peso (por exemplo, a *Current Sociology* e a *Social Forces*), outra tendência tem sido a criação de novas revistas acadêmicas, cujo âmbito é internacional. Um exemplo é a *Revista Internacional de Pesquisa Social* (*International Review of Social Research*) (www.irsr.eu), cujas próximas edições especiais irão lidar com a sociologia ambiental, cultura material e consumo no Sul Global, economia social, estilo de vida e turismo. Ela reúne contribuições de proeminentes pensadores sociais como Jean-Claude Kaufmann, Michael Redclift, e Zygmunt Bauman e os antropólogos Richard Handler e Daniel Miller.

Em 2008, a Associação de Sociólogos Romenos, um grande grupo de intelectuais composto por sociólogos acadêmicos e aplicados de Universidades e Institutos de Pesquisa privados, criou uma nova organização profissional, a Sociedade de Sociologia Romena (RSS, <http://societateasociologilor.ro/en>). Ela conta agora com mais de 400 membros. A primeira Conferência Internacional da RSS, realizada em Cluj-Napoca em 2010 e chamada Refazendo o social: novos riscos e solidariedades (<http://cluj2010.wordpress.com/>) contou com cerca de 200 apresentações. Os temas mais frequentes concerniam à migração, organizações, questões urbanas,

problemas sociais e políticos, psicologia social, mas também houve muito interesse nos estudos sobre valores sociais, metodologias de pesquisa e transformações pós-socialistas.

A Segunda Conferência Internacional, chamada Além da Globalização? Será realizada em junho de 2012, com submissões de trabalhos começando em meados de setembro de 2011. Para mais detalhes, visitem o site [http://www.societateasociologilor.ro/en/conferences/](http://www.societateasociologilor.ro/en/conferences/conference2012)

[conference2012](#). A conferência irá tentar fazer um balanço do fim do ciclo histórico que mudou a sociologia de maneiras importantes nos últimos 30 anos. Tendo em conta os eventos memoráveis dos últimos anos (como o 11 de setembro e a crise financeira global), a conferência pretende explorar que tendências do neoliberalismo e da globalização tendem ao desaparecimento e quais irão persistir. ■

> As reviravoltas da sociologia peruana

Por Nicolás Lynch, Universidade Nacional Maior de San Marcos e Ministro da Educação do Peru

Atualmente, a sociologia peruana existe enquanto uma disciplina científica e enquanto uma profissão. No entanto, ela não é bem institucionalizada, assim como falta reconhecimento e influência. O desenvolvimento da sociologia no Peru ocorreu em quatro fases: preocupação com questões sociais, sociologia enquanto uma ocupação profissional, a deterioração da sociologia nas ONGs, e o retorno de uma sociologia crítica.

> Preocupações sociais

A preocupação com questões sociais tem motivado a reflexão intelectual no Peru desde o início do século XX. No entanto, neste ponto, ela majoritariamente tomou a forma de grandes ensaios sobre a encruzilhada que o país enfrentava e os esforços para delinear, em linhas gerais, a direção que a evolução do Peru, seu desenvolvimento e sua transformação deveriam tomar. No período recente, pela primeira vez os intelectuais começaram a fazer indagações sobre o Peru. Eles incluíram pessoas ligadas à direita conservadora, que expressaram posições da oligarquia dominante, assim como outras, da esquerda revolucionária e reformista, que havia



| José Carlos Mariátegui, 1894–1930.

começado a produzir seus primeiros grandes intelectuais. À direita, nomes importantes, incluindo José de la Riva Agüero, Francisco García Calderón e Víctor Andrés Belaúnde; à esquerda, Manuel González Prada, Víctor Raúl Haya de la Torre e José Carlos Mariátegui.

Neste primeiro período, especificamente em 1896, a sociologia também surgiu enquanto curso universitário no Departamento de Letras da Universidade de San Marcos. Como um curso, ela

era relativamente marginal às análises das questões nacionais. Ao invés disso, o ela seguiu os postulados de Comte e Spencer para elaborar uma explicação teórica do desenvolvimento social. Curiosamente, nesse primeiro período, houve pouco contato entre as análises sobre preocupações sociais e a sociologia, apesar do fato de que, nas décadas seguintes, a primeira seria central ao desenvolvimento desta última.

> O desenvolvimento da sociologia enquanto uma ocupação profissional

Apenas recentemente, em 1961, a sociologia se tornou uma ocupação profissional no Peru, com a fundação do Departamento de Sociologia na universidade de San Marcos. Alguns anos depois, em 1964, algo parecido ocorreu na Pontifícia Universidade Católica, que fundou a Escola de Ciências Sociais, incluindo uma especialização em sociologia. Apoio estrangeiro e influência revelaram-se importantes nos dois casos: a Universidade de San Marcos recebeu financiamento da UNESCO e, a Pontifícia Universidade Católica, do governo alemão. No início, o funcionalismo estrutural importado

dos Estados Unidos influenciou fortemente tanto o ensino quanto a pesquisa na sociologia. O direcionamento tecnocrático, com a idéia de “resolver problemas sociais específicos”, seria muito importante neste primeiro momento da sociologia acadêmica.

No entanto, esta sociologia tecnocrática mudou quase imediatamente para uma sociologia influenciada pela recepção do Marxismo através do movimento estudantil, e pelo impulso do pensamento de esquerda na América Latina, que conduziria o pensamento crítico. Esses anos também marcaram o aparecimento de um governo nacionalista de esquerda, resultado de um golpe militar que, apesar de ser uma ditadura, expandiu radicalmente o número de empregos para os sociólogos. Isto era 1968, um ano significativo no Peru como era no resto do mundo. Esta mudança daria à sociologia a identidade revolucionária que ela manteve durante as décadas seguintes, ao menos até a regressão neoliberal da década de 1990. A influência marxista colocou a orientação tecnocrática anterior de lado, colocando a sociologia a serviço do que, naquele momento, era considerada a transformação revolucionária da sociedade. Durante a década de 1970, a nova orientação e um mercado de trabalho melhor trouxeram a sociologia para o seu auge no Peru. Naquele momento, não somente novas especializações foram criadas em várias universidades, mas também os sociólogos estavam empregados em várias agências estatais, impulsionando as reformas do governo militar. Houve poucos desenvolvimentos importantes na pesquisa sociológica, especialmente no campo da política e na caracterização do desenvolvimento capitalista que estava ocorrendo no país. A profissão adquiriu status significativo como uma nova carreira, expressando o espírito de um período de mudanças.

O apelo ao Marxismo reside não apenas em suas perspectivas globais, mas também porque ela revisitou os precursores da sociologia das



| Aníbal Quijano.

primeiras décadas do século XX, especialmente a figura de José Carlos Mariátegui, cujos trabalhos apareceram em novas edições. Um importante debate a respeito do seu legado surgiu, com intervenções significativas do sociólogo peruano César Germaná e do argentino José Aricó, ainda que ele não fosse um sociólogo profissional, mas uma figura-chave, no entanto. Ainda, enquanto uma linha de pensamento crítico, a influência marxista permaneceu limitada apesar dos avanços realizados, particularmente na revista *Sociedad y Política* (Sociedade e Política), dirigida por Aníbal Quijano, como suas memoráveis análises sobre o governo militar na década de 1970. A revista *El Zorro de Abajo* (O Zorro de baixo), dirigida pelo antropólogo Carlos Iván Degregori, porém coordenada por um comitê editorial majoritariamente composto por sociólogos, também foi importante durante a década de 1980. Sinesio López, membro dessa equipe editorial, foi particularmente influente. Usando a perspectiva de Antonio Gramsci, seus escritos ofereceram visões interessantes para

a compreensão e o desenvolvimento do Estado e das características dos movimentos sociais nascentes. Julio Cotler ofereceu um raro exemplo de uma mistura de pensamento marxista e weberiano, que se concentrou na construção do Estado Nação e na falta de legitimidade do poder oligárquico no país. Seu principal livro, *Clases, Estado y Nación en el Perú* tem sido reeditado várias vezes desde a sua publicação original em 1978.

O outro lado do marxismo, que viria a ser o mais influente na sociologia peruana e nas ciências sociais como um todo, foi o marxismo-leninismo. Este marxismo dogmático veio de mãos dadas com a crescente influência do segmento maoísta do movimento comunista, muito poderosa nas universidades públicas nas décadas de 1970 e 1980, especialmente onde a sociologia era oferecida. O marxismo dogmático procurou reconstruir os currículos de ciências sociais exigindo que todos os professores fossem viciados em política que limitassem suas bibliografias aos manuais da Academia de Ciência da

extinta União Soviética e a trabalhos escolhidos de Marx, Lênin e Mao. A dominação intelectual desse marxismo dogmático coincidiu com os anos de violência política no Peru, quando a insurgência do grupo maoísta Sendero Luminoso custou ao país 12 anos de guerra interna e cerca de 70.000 mortes. Esta conversão significou praticamente a morte da sociologia no país, reduzindo drasticamente a sua influência enquanto uma forma profissional de conhecimento e a sua presença nas instituições públicas, e marginalizando-a intelectualmente.

Várias universidades públicas e privadas eliminaram suas especializações em sociologia. Elas persistiram com alguma somente em dois centros originários: a Universidade de San Marcos e a Pontifícia Universidade Católica. Com o colapso da disciplina, é desnecessário dizer que, individualmente, sociólogos profissionais tanto sofreram degradação como tiveram desafios pessoais para sobreviver.

> A deterioração da sociologia nas ONGs

Durante as décadas de 1980 e 1990, as Organizações Não-Governamentais (ONGs) se tornaram um local importante para o refúgio da sociologia profissional. As ONGs literalmente serviram como um refúgio, porque estas décadas foram, primeiro, as de guerra interna (década de 1980) e, então, depois disso, de ditadura neoliberal de Alberto Fujimori (década de 1990). Naquela época, a identificação da sociologia com a esquerda e, pior ainda, com a revolução, eram contrárias à disciplina. A demanda por sociólogos diminuiu drasticamente, em sua maioria no setor público, mas também, como mencionado acima, porque várias universidades que costumavam oferecer cursos de sociologia fecharam as suas portas para a disciplina. ONGs foram formadas, em parte, por sociólogos que reuniram pequenos projetos de desenvolvimento e obtiveram apoio financeiro de simpatizantes internacionais. Este tipo de trabalho teve a virtude de ajudar muitos sociólogos a se desenvolver

profissionalmente em uma linha de atuação que era estreitamente ligada às necessidades sociais. No entanto, a sociologia foi privada de grandes pensadores, limitando possibilidades para o seu desenvolvimento intelectual. Isto se tornou especialmente verdadeiro uma vez que os financiamentos cada vez mais vieram de agências multilaterais como o Banco Mundial, impondo a influência do chamado Consenso de Washington. A hegemonia dessa forma de pensamento levou à “subalternização” das categorias sociais críticas. Talvez no melhor exemplo disso, a categoria de pobreza foi quase completamente substituída pela categoria de desigualdade.

Em uma observação positiva, na década de 1990, foi formado o Colégio de Sociólogos do Peru, uma associação profissional de sociólogos peruanos. O Colégio tem sido ponto de referência para os sociólogos e para a sociologia. Apesar de ainda estar em desenvolvimento, o Colégio tornou possível reunir sociólogos profissionais e para certificá-los como qualificados na aplicação da sociologia para novas áreas e atividades.

> A sociologia sob o retorno à democracia

O retorno do Peru à democracia no ano de 2000 coincidiu com um direcionamento à esquerda na América Latina que teve repercussões tanto culturais quanto políticas. Em outros lugares foram abertos espaços para o desenvolvimento das ciências sociais, especialmente para a sociologia, mas não tanto no Peru, onde a democracia não foi acompanhada por um direcionamento à esquerda (ao menos até as últimas eleições, neste ano, em 2011). A tensão entre o direcionamento tecnocrático da década de 1990 e a sociologia crítica continua crescendo, sem nenhuma solução em vista. De forma paradoxal, nas discussões acadêmicas, o direcionamento tecnocrático tende a se vincular a uma defesa teimosa da sociologia como uma extensão das ciências sociais. Assim, a sociologia crítica

permanece limitada ao domínio do engajamento intelectual. Contudo, novas idéias foram desenvolvidas em programas de pós-graduação, tanto nos mestrados como nos doutorados, que têm proliferado nos últimos 15 anos. No entanto, assim como a proliferação das especializações na década de 1970, a qualidade desses programas tem sido muito desigual. Ainda, tem havido várias dissertações de mestrado e algumas teses de doutorado baseadas em pesquisas interessantes em sociologia urbana, cultura e gênero. A marca dogmática do marxismo-leninismo parece estar sepultada e incapaz de ressurgir.

Contudo, é importante mencionar um novo paradigma, dirigido por Aníbal Quijano com a inspiração de Immanuel Wallerstein, e que é a “colonialidade do poder”. Esta crítica é considerada uma extensão do trabalho de José Carlos Mariátegui. Quijano argumenta que o Peru participa de um tipo de capitalismo imposto pelas metrópoles na América Latina, condenando-a a um papel subsidiário permanente. Sustentado por um velho padrão de Estados-Nação, o Estado é incapaz de identificar com seus próprios supostos nacionais e mantém uma visão que é Eurocêntrica e, basicamente, evolucionista. A crítica sugere que modernização, ou marxismo-leninismo, não foi capaz de trazer desenvolvimento. Quijano propõe pensar sobre a região como localizada no Sul Global, recuperando, dessa forma, a identidade de seus habitantes, e construindo suas próprias formas de política e de desenvolvimento econômico. Isto é especialmente pertinente hoje, dada a nova janela de autonomia para esta parte do mundo. Além de Quijano, existem outros que começaram a reconstruir o campo: César Germaná na metodologia; Sinesio López na política e particularmente cidadania; Gonzalo Portocarrero e Pedro Pablo Kuczynski na educação e cultura; e Alberto Adrianszén no giro latino americano para a esquerda.

A sociologia peruana tem tido um desenvolvimento limitado tanto academicamente quanto

>>

profissionalmente. Linhas de pensamento dominantes ainda são só embrionárias e tendem a residir em personalidades intelectuais individuais. Seu desenvolvimento institucional é em grande parte limitado ao ensino universitário, principalmente ao nível introdutório. Não existem centros de pesquisa específicos para a disciplina que mereçam menção, ou projetos que reúnam diferentes acadêmicos. No entanto, a sociologia peruana

superou a ameaça de destruição que pairava sobre ela na década de 1980 e 1990, devido à mão dogmática do marxismo-leninismo e do neoliberalismo. Sobreviver à essas ameaças permitiu a ela re-emergir em áreas específicas de pesquisa e desenvolver nichos de conhecimento profissional. Mas, mais importante, hoje ela ainda se sustenta como uma forma de conhecimento crítico. Se isto tira vantagem do contexto emergente,

a sociologia peruana pode encontrar meios de contribuir para uma nova autonomia regional e uma nova forma de desenvolvimento na América Latina como um todo, marcada por um progressivo foco na cultura e política. Aqui residem as possibilidades para novos desenvolvimentos e diferentes horizontes. ■

> Ulf Himmelstrand, 1924-2011 – pai da sociologia na Nigéria

Por Ayodele Samuel Jegede, Professor e Chefe do Departamento de Sociologia da Universidade de Ibadan, Nigéria, e membro da ISA



Cerimônia para Ulf Himmelstrand. Foto por Ayodele Samuel Jegede.

Ulf Himmelstrand (1924-2011), o pai da sociologia na Nigéria, está morto. Himmelstrand, 87, morreu em 8 de junho em sua cidade natal, Uppsala, Suécia. Himmelstrand nasceu, e boa parte de sua infância foi passada, na Índia, onde seu pai foi um missionário para a Igreja da Suécia, embora parte de seus estudos tenha sido na Suécia. Isto, inevitavelmente, deu-lhe de um status um pouco marginal nos dois países. A chance de decisões acadêmicas, em seguida, levou-o para outros ambientes estrangeiros e naqueles onde grandes rupturas sociais estavam evidentemente em andamento – Nigéria durante a Guerra de Biafra e Califórnia no auge

da revolução estudantil nos anos de 1960. Estas experiências certamente afetaram sua sociologia.

Como um estudioso nato, Himmelstrand concluiu sua tese de doutorado sobre as “Demandas sociais, atitudes e processos democráticos” em 1960. Até essa conquista, ele foi professor na Universidade de Uppsala, onde se tornou professor assistente (1960-1964) e foi nomeado mais tarde Chefe (pioneiro) de Departamento e Professor na Universidade de Ibadan, na Nigéria.

Até a independência da Nigéria, em 1960 e por alguns anos depois,

a profissão da sociologia neste país foi minúscula. Não era muito mais do que cursos em antropologia social colonial ministrados na Universidade de Ibadan e na Universidade da Nigéria, Nsukka. Entre as ousadas estratégias para elevar a Universidade de Ibadan aos padrões de categorias internacionais do grande Kenneth Dike, primeiro Vice-Reitor da Universidade de Ibadan, seu plano foi descolonizar a antropologia social e inaugurar a sociologia padrão na universidade. Trabalhando com uma equipe da Fundação Rockefeller, Kenneth Dike recrutou um sociólogo sueco de 40 anos de idade, com o formidável nome de Ulf Himmelstrand como o primeiro Chefe do Departamento de Sociologia com plenos direitos na Universidade de Ibadan.

Antes de sua chegada, em agosto de 1964, ele tinha conquistado um nicho para si com pesquisas no Sri Lanka e na Suécia. Ele chegou em Ibadan para encontrar dois excelentes estudiosos, Francis Olu Okediji e Albert Imohiosen. Eles se juntaram a Ruth Murray, uma antropóloga social britânica,

>>

e Paul Hare, um psicólogo social americano. Ele sucedeu Peter Lloyd, que chefiou o sub-departamento até 1960, quando a Sociologia foi desvinculada do Departamento de Economia. Ele lançou as bases para a excelência na busca por bolsas de estudo em sociologia. Himmelstrand tinha Peter Ekeh e Stephen Imoagene (agora professores de renome) como seus primeiros estudantes pós-graduandos.

Ulf Himmelstrand atraiu mais estudantes para estudar sociologia. Ele descolonizou o currículo levando à sociologia vigente que era muito mais respeitosa com as culturas da Nigéria. Desde seu primeiro ano em Ibadan, Ulf Himmelstrand trouxe para a Universidade o que mais excita uma administração universitária: um programa de pesquisa internacional e um financiamento atraente correspondente. No “Verão” (férias prolongadas) de 1965, o Departamento de Sociologia abrigou um seminário internacional sobre

pesquisa em cultura política que trouxe, para Ibadan, cientistas sociais famosos dos EUA, América Latina, Europa e Ásia, incluindo os líderes dos programas de pesquisa: Sidney Verba (Universidade de Stanford) e Robert Sommers (Universidade da Califórnia, Berkeley). A seção nigeriana dessa pesquisa foi chefiada por Himmelstrand e foi a primeira pesquisa de ciências sociais em grande escala na Nigéria. Seu trabalho de campo abrangeu todas as regiões do país em 1965-67. Felizmente, esta tradição de pesquisa em larga escala sobreviveu no Departamento de Sociologia de Ibadan.

Ele conseguiu ser mentor de vários jovens estudantes que são, agora, conhecidos em todo o mundo. Os professores Peter Ekeh, Stephen Imoagene, Ekundayo Akeredolu-Ale, Samson Oke, Simi Afonja, Adesuwa Emovon, Martin Igbozurike, e Layi Erinsho foram o primeiro conjunto moldado por este erudito sueco. Os

professores Adigun Agbaje e Eghosa Osaghae puderam trabalhar com ele mais tarde na produção de um livro “Perspectivas africanas sobre o desenvolvimento” (1994).

Ele proporcionou um grande impacto, como sociólogo principal, em seu campo de atuação escolhido. Ele foi o presidente da International Sociological Association (ISA) (1978-82) e assegurou que o Congresso Mundial da ISA fosse realizado em sua cidade natal, Uppsala, em 1978.

Ele foi, até a sua morte, um Africanista, um teórico, um positivista e até certo ponto, um Marxista com foco na psicologia social. Himmelstrand era um intelectual completo. Ele tocou muitas vidas e influenciou o mundo. Em 1989 ele se tornou Professor Emérito de Sociologia na Universidade de Uppsala. Ele foi enterrado em 12 de julho, em sua cidade natal. Que sua alma descanse em paz. ■

> Um tributo pessoal à Ulf Himmelstrand

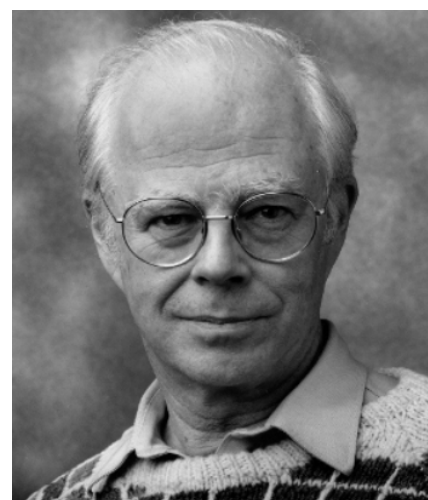
Por Margaret Archer, da Universidade de Warwick, Reino Unido, e ex-presidente da ISA (1986-1990)

Com a morte de Ulf Himmelstrand em 8 de junho de 2011, o mundo da sociologia perdeu um de seus mais gentis e dedicados amigos. “Globalização”, para ele, não era nem simplesmente um conceito, nem uma causa, era algo que ele viveu. Por nunca infligir sua biografia sobre os outros, evidências de seu dedicado apoio devem ser reunidas a partir das narrativas daqueles que vivenciaram isto em primeira mão.

Este foi especialmente o caso de seus anos na Universidade de Ibadan, em meados da década de 60, como chefe do Departamento de Sociologia. Seu amor pela África, e pela Nigéria em particular, ficou muito claro, mas o que ele fez pela

Nigéria não era algo que ele próprio teria caracterizado nos grandiosos termos de uma “descolonização da antropologia e da sociologia”. Entretanto, tratava-se disto mesmo, realizado parcialmente através de seus ensinamentos, pesquisa e revisão curricular em Ibadan, mas igualmente e poderosamente através de seu compromisso em promover uma geração de brilhantes jovens estudantes nigerianos ao longo de suas carreiras. Peter Ekeh apresentou sua própria homenagem à duradoura fidelidade deste apoio no obituário que escreveu (The Guardian, 26.06.2011) e que deve permanecer para a experiência de muitos.

Este amor de um africanista pela



Ulf Himmelstrand, 1924-2011.

África foi resiliente. Quando quase um quarto de século mais tarde ele foi assaltado e ferido gravemente em uma de suas freqüentes visitas de retorno, suas mensagens subseqüentes não continham palavras de piedade sobre si mesmo ou recriminações, mas simplesmente um calmo, prático detalhamento sobre como ele foi re-aprendendo a lidar com o teclado e continuar com o seu trabalho.

>>

Mais uma vez, muito antes de Roland Robertson ter cunhado o termo 'glocalização', Ulf estava vivendo isto com sua rede global, continuamente ativo da pequena cidade de Uppsala e com seus amigos nigerianos visitando-o regularmente. Correlativamente, como Vice-Presidente da ISA (1974-78), ele estava particularmente interessado em trazer o Congresso Mundial para Uppsala em 1978, para um local que só poderia apenas contê-lo! Ele queria que este fosse um evento inesquecível, que mostrasse a sociologia internacional para a Suécia e Escandinávia em geral. Porque ele era também um teórico apaixonado, igualmente crítico tanto do funcionalismo contemporâneo, quanto do marxismo, um dos destaques do congresso era para ser um debate entre Parsons e Poulantzas. Isto foi programado para uma noite a fim de evitar confrontos com o resto da programação e era para ser em um grande, porém distante salão. Infelizmente, depois de centenas de nós termos andado na chuva para este evento, o presidente teve o difícil trabalho de ler dois telegramas destes gigantes explicando por que não poderiam estar presentes. Abrimos nossos guarda-chuvas e começamos nosso caminho de volta pelo aguaceiro. Molhada e ainda com o resto do caminho pela frente, eu irritantemente percebi um carro vindo devagar atrás de mim. Finalmente o carro parou e Ulf me resgatou das intempéries e então dirigiu para verificar o bem-estar de suas outras ovelhas molhadas.

Quando ele foi Presidente da ISA (1978 -82) eu continuei a trabalhar próxima a ele devido as minhas

funções nas Publicações. As reuniões do Comitê Executivo podiam continuar por horas com debates esquentando na medida em que as horas de sono diminuía. Somente dois dos presidentes com quem trabalhei podiam dissipar potenciais explosões com suas gentis razoabilidades: Tom Bottomore e Ulf Himmelstrand. Ulf tinha uma série de aparatos especiais para auxiliá-lo. Aqueles eram dias inquestionáveis de tabagismo pesado e Ulf sentava-se atrás de seu cuidadoso conjunto de produtos essenciais para fumantes de cachimbo: uma gama de oito cachimbos cujos diferentes méritos eu nunca entendi; o equipamento indispensável para desmanchar, desbloquear e limpar (incompreensíveis novamente); e várias latas de fumo. Estes eram recursos cênicos para um ritualismo funcional que tinha pouco a ver com poluentes na sala de reunião. O ator racional pode muito bem ter se questionado como tantos aparatos eram necessários para tão pouca satisfação visceral. Este não era o ponto. Conforme os ânimos se desgastavam, Ulf intensificaria suas escavações, absorvido com o limpador de cachimbo e, finalmente, olhava para cima para gentilmente produzir os ingredientes de uma fórmula consensual. Em todos esses anos eu nunca vi ele (precisar) levantar sua voz, e sua fórmula não era simplesmente pacífica, mas nos fazia avançar.

Com Ulf, coleguismo era também uma questão de amizade. Tratava-se de visitas domiciliares, bem como reuniões formais. Certa vez, ele estava lecionando na Inglaterra e, usualmente, trouxe sua bicicleta com ele. Ele propôs vir nos visitar em nossa casa fora de Oxford. Isto ele

devidamente realizou andando de bicicleta, da Open University, longe cerca de 60 milhas de distância, e fiel à etiqueta sueca, me trouxe um presente. Este era um poema pastoral, escrito em inglês, pregando em louvor das sebes do norte do condado de Oxford. Por um longo tempo depois, sempre que um ciclista se aproximava da porta, os meus dois filhos pequenos corriam para o escritório exclamando entusiasmados: "Oolf, Oolf voltou!".

Como amigo, Ulf nunca foi embora. Ele foi o primeiro a me cumprimentar depois que eu desci do palco tendo dado meu discurso Presidencial em Madrid (1990) e como era usual estes não eram cumprimentos "floridos", mas um caloroso abraço de urso. Gostaria de encontrar comentários generosos que ele havia escrito sobre meu trabalho, os quais ele nunca revelou ou anunciou. Mas, ao contrário de alguns, ele tinha, obviamente, lido cada livro do começo ao fim.

Agora ele nos deixou e me deixou com um sentimento de arrependimento de nunca ter lhe falado o quão importante sua amizade era para mim. Se esta pequena homenagem se concentrou mais sobre as qualidades pessoais de Ulf do que sobre o alcance de suas contribuições para a sociologia é porque tão considerável e duradoura como as últimas foram, me parece uma realização maior tê-lo universalmente reconhecido como o mais gentil dos homens. ■

> Desafiando o patriarcado no sul do Cáucaso

Por Gohar Shahnazaryan, Universidade de Yerevan State, Armênia



O colapso da União Soviética, em 1991, inaugurou uma nova etapa desafiadora para o movimento de mulheres da Armênia e de toda a região do sul do Cáucaso. Com a assistência de organizações e fundos internacionais, organizações não-governamentais de mulheres foram estabelecidas. Em 2003, formamos um grupo de mulheres jovens da Armênia e da diáspora que começou a discutir os problemas que estávamos enfrentando na Armênia, na Geórgia e no Azerbaijão. Por não termos qualquer espaço de escritório, nós nos reuníamos em um café-livraria chamado Artbridge, localizado no centro de Yerevan, capital da Armênia. Um ano mais tarde, decidimos criar um espaço de capacitação para nós mesmas e para outras jovens mulheres que

abertamente se ressentiam de serem marginalizadas, subestimadas e não serem ouvidas. Aquele espaço se tornou o primeiro centro de referência para jovens mulheres na Armênia pós-soviética. No início, ficávamos localizadas no campus da universidade, no interior do Estado de Yerevan, onde funcionava um centro de acolhimento para jovens estudantes do sexo feminino.

Logo, a burocracia da universidade colocou obstáculos intransponíveis para as nossas atividades, obrigando-nos a deixar o prédio às 18h, proibindo-nos de discutir determinados temas, como sexualidade, saúde sexual e problemas de assédio na universidade. Fomos, então, forçadas a sair da universidade. Registramo-nos como uma

Protesto em Yerevan no Dia internacional pelo fim da violência contra a mulher. Foto por Gohar Shahnazaryan.

organização não-governamental independente, que chamamos de Centro de Referência das Mulheres (www.womenofarmenia.org). Desde 2006, estamos localizadas no centro de Yerevan e estamos abertas a mulheres de todas as idades, educação, orientação sexual e classes sociais. Muitas pessoas nos conheceram através dos nossos treinamentos mensais sobre direitos das mulheres, nos quais discutimos a discriminação contra mulheres em diferentes partes do mundo e na Armênia, a história do movimento de mulheres armênio, as conexões entre patriarcado e violência contra as mulheres, e as bases sociais e culturais da construção de gênero.

Além de oficinas educativas, cursos e publicações, nós tentamos também sacudir a apatia e a indiferença da juventude pós-soviética, organizando diferentes manifestações, marchas, exposições e festivais. Também mobilizamos as pessoas em torno das numerosas questões de gênero que afetam a Armênia e toda a região do sul do Cáucaso (incluindo a Geórgia, o Azerbaijão e três zonas de conflito – Nagorno Kharabakh, Ossétia do Sul e Abkházia). Geralmente, nossos eventos são organizados em torno de temas polêmicos e tabus, tais como a sexualidade das mulheres, a virgindade e a violência sexual contra as mulheres. Por exemplo, em 2008, organizamos um evento artístico denominado “Enterrando a Maçã Vermelha”. O ritual da “maçã vermelha” é um ritual patriarcal de controlar o corpo e a sexualidade das mulheres, que ainda é bastante comum nas pequenas cidades e aldeias da Armênia, simboliza a virgindade da jovem noiva. De acordo com este ritual, a família da noiva e os sogros visitam a nova família no segundo dia após o casamento para se certificar de que a noiva é virgem. Para simbolizar a virgindade da noiva, trazem com eles uma cesta de maçãs vermelhas.

Estamos também trabalhando o papel das mulheres nos processos de construção de paz. Isto é especialmente importante, uma vez que ocorreram três guerras brutais na região desde 1990. Na verdade, até agora, o que temos é uma situação de “sem guerra, sem paz”. Como resultado, estamos diante de milhares de mulheres e mães solteiras, como também, milhares de refugiados, todos sofrendo de depressão e síndrome de estresses pós-traumático. Por isso, abrimos uma filial de nosso centro em Nagorno Kharabakh para dar às mulheres apoio psicológico e conselhos médicos. Tentamos também desenvolver relações de negócios entre as mulheres para que elas possam vender seus produtos caseiros. Em uma tentativa de construir pontes após as hostilidades da guerra, realizamos reuniões conjuntas em lugares neutros, como Istambul e Geórgia, onde armênios

e azerbaijanos poderiam participar.

Junto com nossos colegas da Geórgia e do Azerbaijão, este ano, organizamos uma leitura pública do famoso Diálogos da Vagina em armênio, azeri, georgiano e até em alguns dialetos de nossos respectivos idiomas. O evento aconteceu em Tbilisi, capital da Geórgia, em fevereiro de 2011. Estávamos com muito medo de que esta iniciativa fosse condenada, mas, para nossa surpresa, foi bem recebida, por homens e mulheres que vinham para ouvir histórias de mulheres sobre violência e discriminação, sobre corpos e sexualidade. Como um dos participantes relatou: “Foi incrível ouvir o som das diferentes línguas lado a lado, e ouvir histórias sobre sexualidade, corpo, nascimento, estupro, descoberta e, assim por diante, faladas pelos lábios de diferentes mulheres, porém com histórias e experiências conectadas. Era como se o ato de falar dissolvesse as fronteiras entre os três países.”

Uma das nossas conquistas mais recentes, da qual temos muito orgulho, foi a elaboração de mudanças e emendas à lei sobre Violência Sexual no Código Criminal da Armênia. O projeto está agora em circulação no Parlamento e estamos esperando que ele seja aceito durante as audiências do outono. A lei atual é muito fraca. De acordo com ela, a agressão sexual não é classificada ou punida da mesma maneira que outros crimes graves.

Certamente, também estamos enfrentando uma série de obstáculos, em grande parte porque estamos sempre nos posicionando como feministas, o que automaticamente nos torna “radicais” e “mulheres que estão a desafiar a tradicional família patriarcal”. Normalmente, as pessoas ficam muito surpresas ao ouvirem que o movimento de mulheres da Armênia não é algo “importado” dos EUA ou da Europa, mas, pelo contrário, que tem raízes profundas na história do país, voltando aos séculos 6 e 7, quando a igualdade entre homens e mulheres foi consagrada na legislação. Além da hostilidade do público em geral, também enfrentamos tensões no

seio do próprio movimento de mulheres. Infelizmente, em quase todo o mundo pós-soviético existe um “monopólio” do movimento de mulheres por mulheres que costumavam ser do Partido Comunista e que agora estão dirigindo ONGs. Como resultado, na maioria dos países pós-soviéticos, incluindo os países do sul do Cáucaso, o movimento feminista contemporâneo, muitas vezes, reproduz os elementos do sistema patriarcal soviético e seu estilo autoritário de liderança. E pode ser extremamente resistente às ideias e conceitos inovadores. Há também uma grande diferença na compreensão de conceitos como “organização cívica”, “organização de base” e “ativismo social” entre as mulheres mais velhas, antigas ativistas do Partido Comunista, que agora estão dirigindo as ONGs de mulheres, e as mulheres mais jovens que detêm as perspectivas mais igualitárias e menos hierárquicas sobre democracia, ativismo e mudanças sociais. Assim, nosso objetivo principal agora é continuar com a ONG, fortalecendo a posição e a auto-confiança das mulheres jovens para que elas possam participar de lobbys e campanhas de defesa do direito das mulheres e pela igualdade de gênero.

Então, estas são as sementes do novo movimento de mulheres na região do sul do Cáucaso – um movimento baseado, de um lado, no desenvolvimento de valores e princípios democráticos e, por outro lado, no reconhecimento de peculiaridades étnicas e culturais de gênero e do direito das mulheres. ■

> Mapeando o Futuro das Humanidades e das Ciências Sociais: Uma Visão Ousada da África do Sul

Por Ari Sitas, Universidade da Cidade do Cabo, ex-vice-presidente da ISA (2002-2006), e Sarah Mosoetsa, Universidade de Witwatersrand, África do Sul

O Ministro Sul-Africano da Educação Superior e Treinamento, Blade Nzimande, pediu aos sociólogos Ari Sitas e Sarah Mosoetsa que mapeassem o futuro das Humanidades e das Ciências Sociais e apresentassem propostas. Diálogo Global pediu que resumissem sua ousada visão. O relatório completo e comentários estão disponíveis em www.charterforhumanities.co.za.

Numa época em que as Humanidades e as Ciências Sociais estão sob pressão em todo o mundo, a África do Sul está desenvolvendo uma nova Carta para as Humanidades e as Ciências Sociais (HCS), que promete revigorar muitos campos de estudo na educação superior. Uma força-tarefa e grupos de trabalho foram estabelecidos pelo Departamento de Educação Superior e Treinamento da África do Sul. Ao redigir a Carta, queríamos evitar nos afogar na enchente dos problemas existentes. Não queríamos parar na reparação tão necessária para eliminar os legados de nosso passado do apartheid, mas também oferecer uma visão e uma arquitetura que fossem adequadas para o futuro.

Quando foram dados os primeiros passos pós-apartheid para organizar a pedagogia e a pesquisa necessárias para o sistema de educação terciária do país, houve uma necessidade urgente de responder ao que parecia ser uma demanda vital: como Manuel Castells havia escrito na introdução do Volume III de A Era da Informação (1998), “uma economia dinâmica e global se constituiu ao redor do planeta, conectando pessoas e atividades valiosas ao redor do mundo, ao mesmo tempo em que desligou das redes de poder e riqueza pessoas e territórios considerados irrelevantes da perspectiva dos interesses dominantes.”

Castells elaborou uma narrativa angustiante da perspectiva daqueles condenados a permanecer

no “quarto mundo”, dos recém excluídos, e daqueles abaixo da fronteira digital. Os líderes sul-africanos consideraram impensável submergir nos “buracos negros do capitalismo informacional”; a necessidade de evitar este destino a todos os custos era uma meta não-negociável. Para muitos que clamavam para um distanciamento do Afro-pessimismo, o imperativo se tornou salvar-nos de nós mesmos. A consequência foi um quadro de políticas públicas que priorizavam as ciências e a tecnologia, que tentavam direcionar a academia a fortalecer o crescimento econômico.

A importância das HCS foi minimizada; seus conhecimentos, ignorados e suas contribuições, marginalizadas. Isso se reflete no viés do governo em sua fórmula de financiamento existente, e a tendência rumo a um modelo nomeado por John Higgins como CETA (Ciência, Engenharia, Tecnologia e Administração) para premiar a produtividade em pesquisa – um modelo insensível aos conhecimentos das HCS. Há uma crítica vibrante das implicações desta ênfase singular, assim como uma crítica crescente das implicações da “privatização” da educação superior no sistema mundial inteiro. Depois de nossos encontros com mais de mil colegas de todas as instituições de ensino superior, e partes interessadas no governo e na sociedade, estamos convencidos de que os conhecimentos das Humanidades e Ciências Sociais podem ser um repositório de

- A formação de uma Academia / Instituto / entidade de Humanidades e Ciências Sociais – uma instituição com propósito especial para energizar áreas de pesquisas por meio de cinco escolas primordialmente virtuais na primeira fase e quatro escolas na segunda fase, cada uma localizada em uma província designada.
- A criação de um Programa do Renascimento Africano, que será uma versão continental de programas como Sócrates e Erasmus da União Européia.
- A formação de um Centro Nacional de Educação ao Longo da Vida e oportunidades educacionais para gerar e preservar a empregabilidade, equidade e acesso.
- A consolidação de seis Projetos Catalíticos durante a primeira fase que vão reavivar os campos das HCS.
- A criação dos quadros de análise e novas fórmulas necessárias para a integridade dos campos /disciplinas de estudo.
- A implementação de 14 Intervenções Corretivas durante a Fase 1 para superar de uma vez por todas a crise percebida no cenário atual da produção das humanidades e ciências sociais.

herança, história, memória e significado nos esforços da África do Sul por paz, prosperidade, segurança e bem-estar socioeconômico.

Depois de considerações e análises cuidadosas, chegamos a uma série de recomendações baseadas no que nos parecem ser princípios bastante sólidos. Propomos seis intervenções-chave que ocorrerão em duas fases – Fase 1, 2012-2015; Fase 2: 2015-2018:

Argumentamos que, se as recomendações da Força Tarefa forem implementadas, podemos vislumbrar que em 2030 as Humanidades e Ciências Sociais serão um epicentro de conhecimento, pedagogia, prática comunitária e responsabilidade social na África.

Também vislumbramos que nossas instituições e nossa comunidade acadêmica constituirão um parceiro em condições de igualdade na produção mundial de conhecimento e disseminação, ao lado de centros

de excelência no Norte e no Sul Global. Reconhecendo que a educação terciária e a pesquisa são centrais para o avanço econômico e social de todas as sociedades, também recomendamos maneiras por meio das quais nosso sistema poderia ser um co-agente vital da

mudança.

Todas as questões acima – ser um epicentro dinâmico no continente, ser parceiro em iniciativas globais e ser um centro de energia central para ideias de progresso e mudança – são centrais para nossa visão. Estamos

confiantes de que o CODESRIA (Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciência Social na África) gostaria de ver este processo evoluir em direção a uma Carta Pan-Africana para as Humanidades e as Ciências Sociais. ■

> Sociólogos em início de carreira na ISA¹

Por Emma Porio, Universidade Ateneo de Manila, Filipinas, e membro do Comitê Executivo da ISA 2006-2014.

Logo após o XVII Congresso Internacional de Sociologia da ISA (2010) realizado em Gotemburgo, o recém eleito presidente, Michael Burawoy, constituiu um subcomitê para saber mais sobre os sociólogos em início de carreira na ISA. Abaixo segue um sumário dos resultados de um *survey* dos estudantes membros da ISA, bem como um relatório do subcomitê apresentado no encontro do Comitê Executivo no México (23 a 25 de março, 2011).

> Fontes de dados: O relatório dos subcomitês é baseado nas seguintes fontes: 1) *Survey* eletrônico dos estudantes membros da ISA (cerca de 30% foi conduzido pelo secretariado da ISA); 2) lista dos Laboratórios de Doutores vencedores de 2000-2009 e seus subsequentes vínculos; 3) testemunhos de membros passados do Laboratório de Doutores, os membros em comum e os não-membros da Rede Júnior de Sociologia (JSN); 4) o *e-group* da JSN; 5) organizadores do Laboratório de Doutores; 6) comunicação dos líderes da JSN aos presidentes da ISA, Michel Wieviorka e Michael Burawoy. O *survey* eletrônico ocultou as variáveis básicas de caráter sócio-demográfico (idade, gênero, ano de conclusão do doutorado, email e endereço postal, país e ano de conclusão dos estudos e o atual vínculo empregatício).

Quem são os sociólogos em início de carreira na ISA? Dos 5.053 membros da ISA, 830 ou 16% são sociólogos em início de carreira. Eles são membros da ISA que pagaram as taxas estudantis de filiação e, em sua maioria, estão realizando o mestrado ou doutorado ou completaram recentemente seus estudos. Eles são classificados como estudantes quando obtiveram sua última formação a menos de quatro anos. Nos termos da economia classificatória dos seus países de origem, o padrão de distribuição segue o mesmo padrão dos membros em geral da ISA: 507 oriundos de países A, 245 de países B e 78 de países C.

Dos 230 membros que responderam ao *survey*, 138 foram mulheres (56%) e 115 homens (45%). A maioria (80%) foi de estudantes de doutorado enquanto que o restante completou recentemente o doutorado (14%) e o mestrado (4%). Apenas um dos respondentes estava no bacharelado em sociologia. A maioria dos pós-graduandos estava realizando os estudos nos seus países de origem. A maioria dos estudantes de doutorado (54%) e aqueles que já o completaram (78%) relataram que estão ocupando postos de emprego estáveis em comparação com apenas metade dos que possuem apenas mestrado.

Uma base potencial de recrutamento dos membros da ISA são as participações anteriores no Laboratório de Doutores (130) ou vencedores e finalistas da Competição Mundial para Sociólogo Júnior (cerca de 45). Mas dos 130 participantes do Laboratório de Doutores (2000-2009), apenas metade (64) se juntou à ISA, e apenas 34 tinha se mantido membro até novembro de 2010.

No XVI Congresso Internacional (Durban, 2006), participantes do *Workshop* Júnior de Sociologia se organizaram dentro da Rede Júnior de Sociologia (JSN). Desde então, eles estiveram ativos na promoção de atividades para seus membros, assim como organizando sessões especiais para sociólogos juniores no Fórum de Barcelona em 2012 e no Congresso Internacional de Sociologia em 2010, Gotemburgo. Mas, assim como os demais, eles encararam desafios para organizar as sessões e levantar fundos para participar nesses eventos globais.

Baseado no *survey* eletrônico e nas entrevistas com membros da JSN, o subcomitê recomendou que a ISA tome as seguintes ações:

1. Organize uma recepção para sociólogos em início de carreira nos eventos globais da ISA (e.g., Fórum da ISA de 2012, em Buenos Aires e o Congresso Internacional de Sociologia de 2014, em Yokohama) onde eles poderão encontrar os secretários da ISA e outros sociólogos seniores e estabelecidos.

2. Sessões organizadas pela JSN devem ser integradas ao programa de conferências dos eventos globais da ISA.

3. Seminários de carreira avançada e workshops (e.g., como publicar e periódicos de referência, como escrever artigos, etc.) para sociólogos em início de carreira devem ser sempre parte do programa nos eventos globais da ISA.

4. A liderança da ISA deve encorajar fortemente os Comitês de Pesquisa, Grupos Temáticos e de Trabalho, Associações Nacionais e outras agremiações para conceder ativamente suporte para sociólogos em início de carreira, em particular, em todas as conferências da ISA, fóruns e congressos. (Dados do setor financeiro e do Comitê de Membros da ISA mostram que, na prática, a maioria dos Comitês de Pesquisa e dos Grupos Temáticos de Trabalho oferecem tratamento preferencial para membros de países B e C, especialmente aqueles nos primeiros estágios de suas carreiras, por exemplo, recuso para viagens às conferências da ISA).

5. Organizadores do Laboratório de Doutores da ISA e da Competição Internacional para Sociólogos Juniores devem encorajar ativamente seus participantes a se tornarem membros da ISA.

6. Sociólogos em início de carreira que participam de qualquer evento da ISA devem ser rastreados pelo secretariado para que mantenham suas ligações com a ISA.

7. O estatuto da ISA e seus regulamentos devem ser revisados para reconhecer a importância de integrar sociólogos em início de carreira na ISA.

¹ Este excerto é parcialmente baseado no "Relatório do Subcomitê Sociólogos em Início de Carreira" apresentado pela encarregada do subcomitê (Emma Porio) em 24 de março de 2011, ao Encontro do Comitê Executivo da ISA na Cidade do México. Agradecimentos especiais ao Secretariado da ISA, Izabela Barlinska e equipe, por conduzir o survey eletrônico; e aos outros membros dos subcomitê, Michelle Hsieh, Jan Fritz e Yoshimichi Sato por seus escritos inseridos.

² Nós usamos o termo 'sociólogos em início de carreira' pois alguns sociólogos, que estão nos primeiros estágios de suas carreiras e realmente precisam se suporte, não podem ser considerados jovens ou juniores. ■

> Mundos das Mulheres

Por Ann Denis, da Universidade de Ottawa, Canadá, Presidente da MR 05, e Ex-Vice-Presidente para Pesquisa da ISA (2002-2006).

Mundos das Mulheres, uma conferência interdisciplinar internacional sobre mulheres realizada a cada três anos em diferentes partes do mundo foi co-hospedada este ano pela Universidade de Carleton e pela Universidade de Ottawa, com o apoio da Universidade de Québec em Outaouais e da Universidade Saint Paul. Ela ocorreu em Ottawa-Gatineau, no mês de julho, entre os dias 3 e 7. As 2000 inscrições, os quase 800 apresentadores e a participação de 92 países realçam o caráter internacional da conferência, enquanto a reunião plenária diária era complementada por uma miríade de sessões paralelas (geralmente até 30 sessões em cada um dos três períodos previstos para o dia). Os participantes provinham de comunidades acadêmicas e de ativistas, e apresentavam diversas visões sobre o feminismo e a inclusão (ou exclusão) das mulheres. Foi uma rica oportunidade para o diálogo e o aprendizado de cada um.

O tema geral da Conferência foi: "Relacione-se, relate: Inclusões, exclusões, reclusões: vivendo em um mundo globalizado". Assim, a diversidade e o internacionalismo ocuparam o primeiro plano. Havia um tema em cada dia: rompendo rotinas, rompendo limites, rompendo barreiras e rompendo territórios – em outras palavras, dos desafios às constrições vivenciadas pelas mulheres para a criação de um futuro mais inclusivo e mais justo.

Em meio a cada um desses temas havia sessões focadas em áreas específicas, como microcrédito, HIV-AIDS, violência contra as mulheres, as mulheres e as artes, e muito mais. Algumas sessões comportavam a apresentação tradicional de *papers*, ao passo que em outras havia diálogos entre os presentes dentro de uma série estruturada de temas (e todas as plenárias tiveram este formato). Ainda em outras, o organizador conduzia uma discussão/reflexão com a participação do auditório; algumas vezes havia relatos das iniciativas voltadas às maiores autonomia ou participação das mulheres.

“...uma rica oportunidade para o diálogo e o aprendizado de cada um...”

Um aspecto marcante do *Mundos das Mulheres* de 2011 foi que ele era trilingüe – inglês, francês e espanhol. Houve pouca tradução, concentrada sobretudo nas plenárias. Algumas sessões foram bilíngües (com tradução informal, se necessária), e outras foram exclusivamente em Francês ou Espanhol. Esta foi também uma conferência que atendeu plenamente às necessidades especiais (por exemplo, pelo emprego

da linguagem de sinais nas sessões e pela acessibilidade às cadeiras de rodas) e à inclusão de mulheres jovens e aborígenes. Todos esses propósitos encontram-se evidenciados nas organização e programação da conferência. A inclusividade e a excelência ensejadas pela consulta aos grupos diretores de cada qual dessas comunidades ficaram plenamente claras. Finalmente, esta foi uma conferência de participação através do diálogo entre a academia e a comunidade, e foi muito internacionalista em sua intenção.

Me ative à organização da conferência em vez de investir no conteúdo das apresentações no intento de fornecer um pouco do

“sabor” da conferência, deixando de apresentar, assim, um relato seletivo de umas poucas sessões que pude frequentar.

Os membros do Comitê de Pesquisa (CP) 32 da ISA, Mulheres em Sociedade, foram outra vez participantes ativos do Mundos das Mulheres 2011: além de organizarem um almoço para a troca de informações sobre as nossas atividades recentes e futuras, e uma mesa de informações do CP 32 no Bazar do MM 2011, a presidente do CP 32, Evie Tastsoglou, fez circular uma lista (disponível no website da ISA, CP 32) que reunia a participação extensiva e diversificada no CP 32 do Mundos das Mulheres, isto é,

de todos os que nos auxiliaram no contato de uns com os outros e no estande do CP 32.

Para maiores informações sobre o Mundos das Mulheres, incluindo vídeos e um fórum de discussões junto com uma listagem completa do programa – que fornece uma amostra mais detalhada do calibre dos expositores e dos tópicos – acesse (<http://www.womensworlds.ca>). A próxima conferência do Mundos das Mulheres acontecerá daqui a três anos (2014): assim como as quatro de que eu participei desde 1993, será provocadora e excitante.



> A sociologia brasileira vai de vento em popa

Por Elisa P. Reis, da universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, ex-membro do Comitê Executivo da ISA 2006-2010



Platéia atenta de sociólogos no encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia em Curitiba. Foto por Elisa Reis.

O XV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) ocorreu em Curitiba, entre os dias 26 e 29 de julho de 2011. Cerca de dois mil sociólogos se reuniram na capital do estado do Paraná – bem conhecido pela implementação bem-sucedida das tecnologias de planejamento urbano – para discutir “Mudanças, Continuidades e Desafios Sociológicos”, tema geral do encontro. Como a Presidenta da SBS, Celi Scalon, observou em seu discurso de abertura, tendo em conta que a nossa é uma disciplina constantemente desafiada por seu contexto histórico, o tema do congresso convidou os participantes a aproveitarem a oportunidade e fazerem um balanço dos nossos recursos teóricos e metodológicos, para estarmos melhor equipados para cumprir nossa função pública.

O Comitê de programação reuniu uma incrível combinação de te-

mas e abordagens, envolvendo sociólogos brasileiros de todo o país, bem como envolveu diversos colegas estrangeiros em diálogos frutíferos. Os temas abordados pelos palestrantes cobriram uma vasta gama de questões. Margaret Archer, Seyla Benhabib, Robert Mare, Tom Dwyer, Werneck Vianna e Maria Nazareth Wanderley forneceram a inspiração para animados debates teóricos, metodológicos e políticos. Werneck Vianna, um dos dois sociólogos premiados com o Prêmio Florestan Fernandes, em seu discurso “Sociedade, Política e Direito”, discutiu as tarefas cumpridas pelas instituições e procedimentos jurídicos no caminho do velho Brasil autoritário para a modernidade, e na experiência de democratização do país nas últimas

décadas. Maria Nazareth Wanderley, a outra premiada, tratou de questões teóricas e políticas da sociologia rural.

Ao todo, a programação reuniu seis palestras, sete sessões especiais, sete fóruns, três cursos especiais, 31 mesas-redondas e múltiplas sessões organizadas pelos 32 comitês de pesquisa, bem como um vasto painel de cartazes de estudantes e várias atividades culturais. Mas, mais emocionante do que o grande número de atividades foi a presença de tantos jovens profissionais e estudantes que, com seu grande entusiasmo e compromisso, revigoraram os debates.

Fundada em 1950, por um pequeno grupo de sociólogos pioneiros, a

Sociedade Brasileira de Sociologia já percorreu um longo caminho. Após um período de grande turbulência política, a SBS foi revitalizada com os primeiros sinais de democratização no final dos anos de 1970. Desde então, tem crescido de forma constante em número de membros e em relevância institucional. Como ex-secretária da SBS, acredito que os avanços feitos pela associação desde 1980 foram realmente notáveis. Olhando através da janela fornecida pelo XV Congresso, é claro que a sociologia brasileira está florescendo, apoiada por uma associação profundamente consciente de seus compromissos nacionais e orgulhosa de sua participação na comunidade global de intelectuais. ■